

Ancestralidade em tempos de pandemia: valorização da vida dos povos indígenas e povo preto frente à COVID-19

Talita Jeane Gonçalves Lopes

Em uma colheita aquilo que plantamos e cuidamos sem a interferência de modificadores sintéticos (agrotóxicos), nos coloca de frente a percepção do tempo. Cada alimento seu ritmo, e cada ritmo uma musicalidade que nos lembra de vozes que ecoam anterior a nós com ensinamentos de quais os nutrientes precisamos para nos recriarmos.

Estamos escutando esses ritmos e essas vozes? Assim vamos nos modificando. Se resgatarmos nossas histórias ancestrais, a recriação ocorre fluída apesar de não ser linear, transformamos o espaço com história, que pode transformar os de agora em ancestrais. Esse caminho é constante com os seres de Povos Indígenas e Povo Preto, e devemos estar atentos para receber as mensagens que vem da natureza para ser possível darmos continuidade ao caminho da ancestralidade.

Aqui a escrita não se inicia do zero, vem da colheita de vozes racializadas que por serem de ancestrais ecoam como potência contra o caos, visto que os ancestrais dos Indígenas e Pretos estão sendo cercados por esse caos (colonização) durante longos tempos (no continente Americano assim como no Afrikano), e cercados por diversos adoecimentos/doenças trazidos pela relação de atravessamento por parte dos colonizadores brancos e europeus. A pandemia que se tornou o COVID-19 não é um acaso histórico isolado, para além dos registros de outras pandemias o qual a humanidade já enfrentou. Os adoecimentos representam o desencadeamento de interferências não harmoniosas com a natureza, tendo exemplo dos Povos Indígenas que tiveram diversas doenças que só ocorreram porque foram trazidas pelo processo de colonização.

A condição de uma pandemia apesar de causar diversas mortes, é a resposta de colheita da relação estabelecida com a terra, dessa que cultivamos o que nos alimenta e o que nos mata. A COVID-19 representa um dos adoecimentos que acabam por ser mais agravante para essas populações, escancara as fragilidades em que os Indígenas e Pretos estão postos nessa sociedade racista que degrada a ontologia desses Povos com a natureza. O estado de pandemia pressiona os locais sociais, tendo em vista os elementos necessários para se manter o cuidado, que dependendo da condição de vida dos sujeitos,

se torna um desafio maior do que seguir protocolos, pois os protocolos estabelecem critérios de difícil efetivação dentro da realidade em que se encontram, demonstrando a perpetuação do genocídio através do adoecimento como um fator histórico contra esses Povos.

Portando a COVID-19, representa a desestabilização de um sistema social denominado de globalização, que se estabeleceu sendo desintegralizador. Pois parte da concepção uma experiência hegemônica, formando o mito de conexão universal, retirando obra-prima e diversos outros recursos dos territórios Indígenas e Preto por modos de controle e apropriação que efetivam o racismo. A desintegralização fica evidente, ao passo que as instituições governamentais, políticas, econômicas, de saúde responsáveis por desenvolver amparo para a população, se demonstram superficiais ao terem que mediar respostas efetivas perante uma pandemia, consequência do rompimento com a contribuição dos conhecimentos em saúde holística praticados pelos Povos Indígenas e Povo Preto, e acabam por provocar a perpetuação da colonização com o isolamento de recursos para esses Povos, os deixados à margem da hegemonia.

As problemáticas do racismo frente a uma pandemia como a qual se tornou a COVID-19 para os Povos Indígenas e Pretos, é acentuação da exposição do risco de vida. O Povo Preto por exemplo tem sua população ocupando trabalhos que se enquadra como essenciais (motoristas, garis, mercados), ou em risco econômico por terem trabalhos autônomos que não estão podendo ser realizados da mesma maneira, e até mesmo o trabalho de empregada doméstica que expõe a vida de diversas mulheres pretas que às vezes passam mais tempo na casa em que trabalham do que com suas famílias.

O Povo Preto é a maioria nas favelas e periferias, essas que são estruturadas geograficamente mais distante dos centros, com ruas estreitas e casas muito próximas, com estruturas familiares que podem apresentar no próprio lar o fator aglomeração. Algumas em risco de desapropriação e com o destaque para a estrutura sanitária que deixa de atender necessidades básicas de saneamento, e falta de água potável.

Com os povos Indígenas, que em termos de quantidade populacional é menor do que a população do Povo Preto, uma pandemia representa uma força de eliminação de todo um Povo, assim como expõe ainda mais a necessidade de demarcações de terra para que a estratégia ancestral de isolamento social contra as “doenças de branco” possa ser combatida.

Os Indígenas e Pretos incorrem ainda a falta de teste para confirmar a existência ou não da COVID-19, e a fragilidade também anterior a pandemia do Sistema Único de Saúde (SUS) que é o responsável institucional pelo qual esses Povos são majoritariamente assistidos. Porém, o SUS é um sistema afetado pela falta de viabilização financeira. Fator principal de negligência do Estado Brasileiro. São esses Povos que anteriormente a COVID-19, estão com as vidas em constante processos de enfrentamento aos adoecimentos através de genocídio, etnocídio, nutricídio, ecocídio, epistemicídio e tantas formas de adoecer um Povo visando a anulação de suas vidas.

Não podemos esperar que as respostas venham do mesmo conhecimento hegemônico, que constrói um saber advindo da proposta de perpetuar a colonização mental retirando as perspectivas culturais e históricas dos Povos Ancestrais. Temos que nos comprometer com o cuidado de nossas comunidades, seja com a presença de Políticas Públicas no molde institucional, ainda assim precisamos manter ativa a agenda de Políticas Comunitárias.

As Políticas Comunitárias operam o exercício constante de emancipação e autonomia através de Práticas Ancestrais e Ancestralizadoras, as quais estabelecem a continuidade criativa necessária para a reinvenção do nosso caminho enquanto Povos não-supremacistas, mesmo com o atravessamento da colonização. As Práticas Ancestrais e Ancestralizadoras (medicina tradicional, cantos, danças, oralidade com os mais velhos...) impulsionam o nosso percurso a um movimento de cura, através do cuidado dos nossos para com os nossos.

Enquanto existir racismo, existirá a desigualdade que provoca aos nossos corpos Indígenas e Pretos a estarem na mira do sistema supremacista, que sabem tirar de nós vida e por isso não serão eles a darem subsídios da nossa sobrevivência.

Para Povos Indígenas e Preto que tem suas ontologias diretamente conectada a vivência da espiritualidade correlacionada a natureza, uma pandemia apresenta sinais de confirmação dos aprendizados os quais transformamos em ações. Encontramos a manifestação da espiritualidade nos rituais Indígenas e Xamânicos, nos rituais de Candomblé e sistemas de Ifá, esses que representam o desdobramento da compreensão de que a humanidade tem a quem reverenciar para manutenção do bem-viver, a natureza.

Da natureza fomos criados e para ela retornamos, e se na terra se planta, nela também se colhe. Isso é despreendido de qualquer visão punitivista, é a lei da colheita

que nos lembra que para além de sobrevivermos temos que criar estratégias de nutrir, cuidar e curar além do nosso corpo enquanto Povos Indígenas e Povo Preto.

Onde buscamos as forças que nutrem, cuidam e curam o nosso ser? As alternativas de sobrevivência vêm sendo mantidas ao longo dos tempos pelos Povos Ancestrais para além do confronto com a morte física do corpo, a morte deixa de ser o maior desafio. Quando compreendemos a extensão da consciência ancestral, ela é para ser retomada e repassada, e disso recebemos do símbolo Adinkra Sankofa que significa "*Se você esquecer, não é proibido voltar atrás e reconstruir*".

Dar continuidade nunca foi começar do zero, mas os genocídios da história do Povo Indígena e Preto compromete a nossa lucidez frente às potencialidades dos Povos que não-supremacistas. A população mundial perde com cada morte desses Povos Ancestrais que estabeleceram o contato com as forças da natureza em busca da harmonia, e todos perdemos pelas consciências necessárias para nutrir a força da natureza, de onde vem a cura.

Sem retomada da história ancestral, desconhecemos o caminho em que estamos. Quando concebemos a importância da ancestralidade enquanto fonte de cura, reconhecemos um caminho anterior que tem sua necessidade de continuidade, precisamos estar ativos e implicados para manutenção do percurso muito mais do que para onde chegaremos.

O nosso processo de consciência pode ou não ser alimentado e alimento pela ancestralidade, desde que saibamos buscar nos nossos. Nem todas as respostas precisam ser criadas, a ancestralidade alivia a invenção do zero, por isso temos a possibilidade de nos recriar, pois inventados nunca fomos e sim criados um dos outros.

O contato com ancestralidade é uma cura concreta no que nos retrata forças que nos acompanham por histórias que formaram as rotas da nossa vida, o caminho. Acessar a realidade ancestral se constitui em propormos o aprofundamento dos que vieram antes de nós, e isso nem mesmo a morte pode levar se mantemos a busca.

As Aldeias Indígenas, As Florestas, Os Terreiros, Os Quilombos são a prova de territórios de sobrevivência de histórias de confrontos com diversos tipos de doenças e adoecimento, a própria estrutura de degradação da natureza nos alerta da lei da colheita. Continuam por ser espaços de resistência de nossas comunidades, e formadores contínuo de saberes tradicionais que atravessam o tempo e o espaço para permitir as ações ativas que resultam a sobrevivência (capoeira, arco e flecha, samba, armadilhas nas florestas, candomblé, plantas medicinais, rotas de fuga, preservação das línguas...)

frente o sistema opressor. Temos os recursos, mas o que fazemos com eles e sobre quem está o controle deles, se o poder não pode ser compartilhado por todos então não serve a natureza.

Precisamos assim nos utilizar do fortalecimento de nossas comunidades como é a ação de Aldeamento, Aquilombamento, demarcação e titulação de terras desses Povos; estar entre os nossos e fortalecer os vínculos afetivos, de forma o máximo segura frente a COVID-19, pois estar junto não diz apenas de contato físico, mas de demonstração de preocupação, buscar auxiliar uns aos outros dentro das limitações que vão sendo apresentadas, na partilha coletiva de alimentos, e isso vindo de nossa autonomia uns pelos outros não é assistencialismo, e sim irmandade. Isso exige a busca de uma consciência em sincronia.

A consciência é a colheita de cada bagagem que agrega os nutrientes necessários para nossa sobrevivência, o nosso território subjetivo é a extensão dos territórios físicos que podem fornecer e absorver o alimento. Se a consciência está alheia aos nutrientes necessários, estamos comprometidos. Ocorre a fragilização da nossa saúde mental, essa que tem muitos desafios frente às condições de vida em uma pandemia.

A consciência bem nutrida se apresenta na saúde mental em fortalecimento, não perdendo de vista que sempre temos aprendizagens para retornar, deixamos de nos contentar em uma pandemia apenas como tragédia, mas como conhecimento da natureza sendo repassado. A ancestralidade passa a ser mediadora de fluxos dos pensamentos, quando constatamos a grandeza das ações de nossos ancestrais e os conhecimentos que eles partilharam com a nossa existência configurando uma luz, um guia em que podemos utilizar para desacelerar nossas expectativas.

As percepções de espaço-tempo precisam estar articuladas com a ancestralidade, por isso a necessidade de termos conosco a postura de unidade, para buscar as respostas em comunidade e construir as nossas respostas em prol da comunidade. Isso é cura, de adoecimentos que foram forjados na maneira como lidamos com o espaço-tempo histórico, pois a colonização nos submeteu a um espaço-tempo que não estão referidos nos quais nossos ancestrais criaram.

Nossos guias de sobrevivência estão ao passo de como utilizamos As Práticas Ancestrais e Ancestralizadoras de luta contra ao que tenta nos matar: ao nutrição podemos melhorar nossa alimentação, com o cultivo comunitário e partilha de

alimentos; ao epistemicídio, demarcar nossa força de apresentar nossas narrativas por nós mesmos enquanto Povos Indígenas ou Preto.

Não temermos escrever nossos pensamentos frente ao viés cientificista que anula muitas das vezes nós enquanto produtores de saberes e ciências próprias, e buscar informações repassadas por profissionais comprometidos do nosso povo; ao ecocídio tentar estabelecer maior contato de vivência com a natureza e de preservação a ela; ao genocídio de nossos corpos, atenuar as demonstrações de afetos, cuidarmos de nossa saúde para além das instituições, mantermos em movimento e fortalecer nosso corpo; frente a colonização mental, que escolhamos cada vez melhor nossas palavras, revisando nosso pensamento para distinguir o que é do colonizador e o que é do nosso Povo.

Somos a nossa própria voz e devemos nos perguntar “O que aprendemos com os nossos ancestrais?”: Que a morte fragiliza, mas a ancestralidade se eterniza. Que sejamos como nossos ancestrais que criaram vida até na morte.